

Notas sobre violência e intolerância

Gabriela Seben¹
Juliana Lang Lima²

Resumo: A destrutividade, característica inerente ao homem, tornou-se visível através de diferentes manifestações ao longo da história, fazendo com que a violência viesse a ser uma marca indelével dos agrupamentos sociais. Sendo esse um tema complexo, poderia ser explorado por diversos ângulos, pois sua gênese envolve fatores tanto culturais quanto subjetivos. Essa constatação demonstra que a psicanálise, mais de cem anos depois de sua criação, tem muito a contribuir sobre as discussões atuais, incluindo o eterno enigma acerca do modo pelo qual vamos nos “civilizando”. Através desse escrito, buscamos destacar as peculiaridades do momento que atravessamos, com ênfase para a intolerância e para as expressões da capacidade de destruição constitutiva do humano, dos discursos de ódio ao fanatismo.

Palavras-chave: Fanatismo. Intolerância. Violência.

Pensar e teorizar acerca da violência na contemporaneidade se apresentou a nós como tarefa urgente e imperativa, seja como forma de elaboração de um traumático que se manifesta diariamente na cultura, seja com o intento de promover rupturas e mudanças. Em verdade, não é de hoje que a temática suscita reflexões e questionamentos entre os psicanalistas. Basta lembrarmos do ponto de partida para o diálogo com Freud, no qual Einstein pergunta se existiria alguma forma de livrar a humanidade da ameaça de guerra, recebendo uma complexa resposta que inicia por vincular violência e poder (1932/1996g). A destrutividade, característica inerente ao homem, tornou-se visível através de

1 Psicanalista, membro associado da Constructo, mestre em Psicologia pela PUCRS.

2 Psicanalista, membro pleno do CEPdePA, membro do Instituto da SBPdePA.

diferentes manifestações ao longo da história, fazendo com que a violência viesse a ser uma marca indelével dos agrupamentos sociais.

Há cerca de cem anos, o conceito de pulsão de morte foi criado por Freud, instalando uma nova dualidade pulsional e preparando caminho para uma concepção ainda mais complexa de aparelho psíquico. Vincular pulsão de morte e violência seria um caminho natural para compreender também uma das expressões mais flagrantes dessa em nossos tempos, a intolerância. Nesse trajeto, ao lançar um olhar para o fenômeno social, também percebemos a necessidade de focar na constituição psíquica do sujeito violento. Afinal, quem é esse que profere discursos de ódio, que agride, humilha e subjuga o outro?

Fazendo uma breve pesquisa sobre os temas que se encontram no cerne da intolerância, invariavelmente giramos em torno de sexualidade, gênero, política, ideologia, religião e raça, ou seja, a diversidade é responsável por trazer moléstia. Contudo, pensar no humano é deixar implícita a ideia da diferença: cada sujeito é único, produto de sua história singular, ainda que inserido em uma cultura comum a todos. Mas se somos todos diferentes, por que a singularidade pode causar tamanho desconforto? Pergunta passível de resposta pelo viés de um estranho familiar, também denominado sinistro ou inquietante – aquele que deveria ter permanecido oculto nas profundezas do ser mas acabou desgarrando-se das sombras e alcançando a luz (Freud, 1919/1996e).

Em 1905, quando publicou seus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud escandalizou o mundo. Ao afirmar que em nossa constituição psíquica possuímos todos uma disposição perverso-polimorfa, abriu caminhos para concebermos uma (bi)sexualidade anárquica, aberrante, dissociada, nada normativa. Vincula-se a isso o inconsciente, província do desejo mais íntimo do sujeito, local onde esperamos encontrar tudo que não é politicamente correto, organizado, racional (Freud, 1915/2004a). O inconsciente é o recanto do ilógico, do proibido, dos desejos assassinos e incestuosos – e não devemos imaginar que o humano aceite de bom grado ser portador dessa carga pesada.

Assim, a falência da proposta bíblica de “amar o próximo como a si mesmo” decorre da constatação de que essa é uma tarefa impossível, sendo necessário algum nível de identificação com o outro para que se possa amá-lo (Freud, 1921/1996f). Conviver em sociedade demanda esforço e disponibilidade para abdicar de um universo narcísico e aceitar aquilo que, invariavelmente, despertará incômodo e quiçá hostilidade. Deparar-se com divergências, contemplar diferenças e, por fim, reconhecer a diversidade é tarefa das mais sofisticadas. Inevitável pensar, portanto, que manifestações truculentas como as que presenciamos na atualidade tenham sua base em um processo de recalque fragilmente estruturado e que a

necessidade de normatizar esteja relacionada a uma demanda de contenção dos próprios desejos, dos quais o indivíduo sequer tomou consciência.

Freud utilizou o conhecido conceito de *narcisismo das pequenas diferenças* (1917/1996d) para compreender as intolerâncias étnicas, raciais e nacionalistas. Ao exemplificar as divergências entre opostos, como homens e mulheres, o psicanalista se surpreende com a constatação de que quando a diferença é pequena, e não acentuada, é que a intolerância se expressa, restabelecendo a discriminação (aqui podendo ser compreendida em um duplo sentido, algo como *eu discrimino para me discriminar*). Diante da diferença, surgem sentimentos de estranheza e hostilidade, reconhecidos como potencialmente aniquiladores, e sabemos que o homem odeia tudo aquilo que o aterroriza. Como aponta Roudinesco (2008), o homem teme ver desmoronar a ordem normativa, por isso tende a excluir o que lhe ameaça.

A intolerância ao feminino e aos judeus ocupa um importante lugar na obra psicanalítica, levando Freud a buscar entender o sentido do repúdio ao não semelhante. Reconhecer as diferenças implica em validar a castração, reconhecer-se falho, incompleto, finito. Para o sujeito, deparar-se com o desigual remete ao horror à castração, que causa angústia na medida em que lembra ausência, privação. É a falência do (suposto) ideal, onde não existem faltas. Por isso podemos dizer que na intolerância há um desejo de anular as diferenças. E, ainda, que a posição ética é fundamental para fazer frente à violência gerada por essa intolerância.

No intuito de contemplar o homem em suas dimensões mais arcaicas, Freud ainda iria surpreender a comunidade psicanalítica com *Além do princípio de prazer* (1920/2004b) e sua formulação da pulsão de morte, que instaura a destrutividade nas origens do humano – ideia que viria a aprofundar, a partir de então, pelo restante de sua obra. Para Massimo Recalcati (2007), esse é o conceito mais escabroso e indigesto de Freud, confirmado pelo fato de que, dentre os pós-freudianos destacados, apenas Melanie Klein e Jacques Lacan o seguiram com convicção por essa trilha. E, a partir desse pressuposto, não mais podemos conceber o homem com uma ética hedonista, altruísta. A pulsão de morte traz em seu significado o fato de que a pulsão não é uma força progressiva, se não conservativa, e que todos buscamos o novo para seguir repetindo o mesmo.

Em sua obra *O mal-estar na civilização* (1930/2011), Freud traz uma importante contribuição, para pensarmos a questão da violência, quando focaliza o antagonismo irremediável entre as demandas pulsionais e as exigências da cultura. Ao prescindir da ideia de um homem bom por natureza, aponta para a direção contrária: enfatiza a busca por prazer e por evitação de sofrimento,

indicando as relações entre as pessoas como fonte de desprazer e de permanente conflito, tanto mais porque o homem foi forçado a ceder uma parcela de sua liberdade individual em prol da civilização. Quando alguém ameaça romper com o fino tecido que sustenta a cultura, traços da personalidade original do bicho homem, indomada e animalasca, ressurgem com força, como se o projeto civilizatório estivesse por um fio.

A guerra aparece como manifestação mais eloquente dessa teoria, sendo entendida como um evento provocado pelo homem muito antes para dar conta do pulsional destrutivo do que por sobrevivência ou obtenção de poder. Convém lembrar, contudo, que o pulsional erótico não é menos essencial do que o agressivo, estando ambos sempre amalgamados em alguma medida. É nesse ponto que os motivos de natureza ideológica, frequentemente de aspecto nobre, facilitam a realização das maiores crueldades, pois recebem o reforço inconsciente do desejo de destruição, que está sempre a postos (Freud, 1932/1996g).

O escritor e ativista político israelense Amós Oz (2017), voz de destaque na compreensão da intolerância na contemporaneidade, ressalta a ascensão do fanatismo, de variadas tonalidades e ideologias, como a grande praga atual da humanidade. Para ele, ditaduras sanguinárias como as de Hitler e Stalin tiveram um efeito semelhante ao de uma vacina, que protege por um determinado período – momento esse no qual a moderação foi um valor celebrado devido ao temor da repetição do extremismo e de seus efeitos. A distância temporal de tais fatos, contudo, nos faria, hoje, observá-los como ocorrências históricas quase longínquas, o que propicia terreno fértil para um recrudescimento da aversão ao outro, tornando necessário enxergar e combater o fanatismo nosso de cada dia.

Analizando o mesmo período histórico, Roudinesco (2008) observa que no pós-guerra as sociedades democráticas globalizadas criaram o ideal utópico de uma sociedade livre do mal, de distorções e de conflitos. No entanto, o que se verificou foram novas formas de perversão e de discursos perversos. Para a autora, a perversão é uma circunstância da espécie humana: ao mesmo tempo em que preserva a norma, assegura à humanidade seus prazeres e transgressões.

Isso nos leva a tecer algumas considerações sobre o sujeito fanático: para Amós Oz (2016, 2017), é aquele que se define não pelo alto volume de sua voz, mas por não tolerar a diferença, dividindo o mundo entre bons e maus; alguém que nunca entra em um debate porque não suporta a dúvida e nem deixar discussões sem uma definição; aquele que, ao considerar algo ruim, sente-se no dever de liquidar com aquilo. Humor e curiosidade, duas das características mais importantes para o convívio com o outro, estariam ausentes no fanático que, por levar sua opinião às últimas consequências, seria um “ponto de exclamação ambulante”,

abdicando de sua individualidade e ansiando por mesclar-se a um grupo que lhe conceda unidade.

Também Freud (1921/1996f) faz um alerta semelhante, quando observa que uma das características da formação dos grupos é borrar a individualidade do Eu, ficando essa diluída na massa, que se alimenta de forma narcísica, ou seja, tolera apenas aquele que se assemelha à sua própria imagem. À essa necessidade de se sentir parte integrada do grupo podemos aludir a fusão primeira com a mãe, ser dois em um, característico dos estágios primitivos do desenvolvimento, que posteriormente se manifestam na eterna busca da completude. Assim, enquanto o grupo permite maior satisfação e descarga pulsional, a capacidade de discriminação e pensamento, mais sofisticada, fica prejudicada. Podemos ainda contemplar essa ideia retomando o supracitado *narcisismo das pequenas diferenças* (Freud, 1917/1996d, 1921/1996f, 1930/2011), uma vez que os grupos se mantêm unidos por Eros às custas de terem à sua disposição outros que recebam sua agressividade.

Aqui parece importante retomar que o homem tem a hostilidade como marca de nascença, sendo trabalho de uma vida toda tentar domar esses impulsos. É, então, pela via do amor, da força de ligação de Eros e do incremento intelectual apto a governar a vida instintual que o humano seria capaz de trabalhar em favor da civilização, especialmente pela via identificatória: “Tudo que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra” (Freud, 1932/1996g, p. 208).

Seria legítimo afirmar, portanto, que há um mal-estar permanente na cultura e, na atualidade, identificamos um retorno ao pensamento primitivo e animista (“a Terra, afinal, é redonda?”, ressurge a crença medieval). Há um conservadorismo crescente e uma espiral de ódio em movimento, com formas de dessubjetivação silenciosamente violentas, especialmente quando se expressam na marginalização e na indiferença.

A constituição do sujeito violento

Há um longo – e também árduo – caminho para que o indivíduo se constitua como um sujeito regido por leis e por códigos que o permitam enxergar a si mesmo e ao outro como um semelhante. Apoiadas nas ideias de Jean Laplanche (1988) e de Silvia Bleichmar (2011), endossamos a ideia de que o psiquismo se constitui a partir da alteridade, de uma relação assimétrica entre adulto e criança na qual mensagens enigmáticas, provenientes do aspecto sexual do adulto, ingressam como marcas que serão depois metabolizadas pela criança de forma singular.

Freud, já no *Projeto* (1895/1996a), postulou que é o adulto aquele que assume a função de conter as quantidades de energia que ingressam no aparelho psíquico do bebê. Nomeou essa função de *ajuda alheia*, necessária para a criação de vias de passagem, as chamadas vias colaterais, para o escoamento dessas energias que ingressam no psiquismo ainda incipiente. Mais tarde, no texto sobre o narcisismo (1914/1996c), menciona os pais, dando ênfase ao olhar e ao investimento dispensado sobre a criança como fundamentais para que ela seja primeiro reconhecida para depois se reconhecer e, então, tomar o outro como modelo. É no narcisismo, portanto, que o Eu se constitui.

No narcisismo as identificações seguem um percurso – de Eu ideal a ideal de Eu. Em um primeiro momento, a criança está indiferenciada, fusionada ao objeto, e por isso esse objeto é ainda objeto da pulsão, e está, portanto, dessubjetivado. Esse é o chamado período do autoerotismo. A criança renunciará ao gozo pulsional e autoerótico a partir da proposta de um adulto – com recalamento operante – na medida em que esse demonstra o seu desconforto, diante de algumas situações, com seu asco, nojo, pudor, vergonha, pena, culpa. Essas pautações servirão à criança como barreiras inibitórias e também como proteção frente à pulsão sexual. É daí que provém a força necessária para que opere o recalamento originário (Bleichmar, 2016).

Em um segundo tempo, o do narcisismo secundário, a criança, diferenciando-se, poderá então reconhecer o outro como objeto de amor. Esse reconhecimento das diferenças é produto da castração, da renúncia edípica, que se dá por temor à perda do amor do outro. Portanto, esse segundo momento representa a saída da situação de completude e de Eu ideal. Será formado, portanto, um ideal de Eu, que quer dizer identificar-se com os atributos do outro.

O asco e o pudor são considerados, desde Freud, como as primeiras defesas do psiquismo, anteriores ao recalque originário, e inibidoras do gozo autoerótico irrestrito, que ocorrem em um momento em que o Eu ainda não possui força suficiente para realizar tal defesa. Em um segundo momento, com o Eu mais estruturado, virão a vergonha e a culpa, que já são movimentos intrapsíquicos, pressupondo a existência de um sentimento moral. Sendo assim, o sujeito sente vergonha de dar lugar ao exercício do gozo – o que nos leva a pensar se, no momento em que alguém profere um discurso de ódio, o que estaria falhando seria o pudor condicionado ao olhar inibidor do outro.

As bases para a constituição da ética, portanto, sustentam-se nesses primeiros movimentos defensivos, que vão se tornando mais sofisticados na medida em que há instalação do recalamento, que em seus dois tempos assume papel primordial nesse processo. É importante salientar que a ética a qual fazemos referência aqui

diz respeito à capacidade do indivíduo em levar o outro semelhante em conta, o que, grosso modo, só é possível a partir de uma junção entre os códigos que foram transmitidos ao sujeito pela alteridade e a capacidade de integração dos mesmos pelo Eu. O modo como fui olhado permite que eu possa também olhar a um outro sujeito como meu semelhante, afinal, ser é ser amado (André, 1996).

Sobre a singularidade, cabe ressaltar ainda que, embora acreditemos que algo da ordem do recalçamento e da constituição da ética do sujeito tenha falhado quando se produz a violência, há que se fazer uma diferenciação, fundamental, entre agressividade e sadismo, definida de forma muito clara por Silvia Bleichmar (2011). A autora propõe a agressividade como correlato do narcisismo, ao passo em que o sadismo corresponde à pulsão. Esclarece que, quando há predominância do sadismo, ocorre no psiquismo uma impossibilidade de transformar o erotismo em ternura. Nesses casos, a violência se direciona a uma apropriação do objeto, a um gozo em submeter o outro sem levar em consideração suas necessidades e sua existência, o que gera prazer com o sofrimento e o arrasamento de sua subjetividade. A combinação entre agressividade e sadismo resulta na crueldade em suas diferentes formas e intensidades, que tomam variados destinos conforme a cultura e a maneira como se inscrevem na história do sujeito.

Considerações finais

Voltando nosso olhar para os veículos que carregam expressões atuais de violência, destacamos nesse cenário as batalhas que se desvelam na internet e nas redes sociais. Nesses territórios propícios ao livre desenrolar da pulsão, uma vez caracterizados por poucas leis e por garantia de anonimato, é possível encontrar manifestações contundentes de desprezo, humilhação, e até mesmo dos chamados linchamentos virtuais, que são expressões de uma crueldade não sangrenta, mas com grande potencial arrasador. Sobre esse aspecto, corroboramos a ideia de Bleichmar (2011), que sustenta que o desenvolvimento tecnológico, apesar de todos os seus inegáveis benefícios, também oferece um campo fértil para a barbárie e para a estimulação de um gozo mortífero, onde se desvelam novas formas de crueldade.

O psicanalista Contardo Caligaris, em entrevista à BBC Brasil, afirma que as redes sociais não só permitem ao sujeito expressar o seu ódio, mas fazem com que ele ainda receba aplausos e seja, de alguma maneira, validado pelas suas opiniões. Caligaris acredita que os crimes de ódio na internet estão diretamente ligados ao horror a poder se identificar com a vítima da ofensa, como se assim ficasse garantida uma discriminação: “eu não sou como essa pessoa e, ao ofendê-la, sei que jamais virei a ser”.

Vale lembrar que Umberto Eco (comunicação oral, 2015), pouco tempo antes de sua morte, chamou esses grupos de odiadores virtuais de “idiotas da aldeia”, afirmando que as redes sociais, apesar de todas as suas vantagens, deram voz a uma “legião de imbecis, que têm o mesmo direito à palavra de um prêmio Nobel”. De fato, as redes sociais, por sua característica democrática, permitem que todos possam acessar o dito lugar de fala. No entanto, dentro ou fora do espaço virtual, é fundamental que indaguemos quem é o sujeito que derrama seu ódio sobre o outro e por quais códigos está (ou não) perpassado. Observamos, na atualidade, uma sociedade que funciona aos moldes de eu-prazer-purificado, em que a postergação da satisfação fica ameaçada pela promessa de gozo imediato. E seria em face dessa cultura, em constante transformação subjetiva, mas atualmente caracterizada pelo individualismo e pela indiferença, que estariam se constituindo sujeitos com mais falhas no processo de subjetivação, na estruturação do Eu e, por consequência, na ética?

Na época em que Freud falava sobre o mal-estar na cultura (1930/2011), ele acreditava que sua causa centrava-se na repressão dos instintos. Nossa hipótese é de que, hoje, inversamente, é a suposta liberdade do sujeito que o deixa à mercê de suas pulsões, sem barreiras protetivas, com um recalque excessivamente flexível e, por vezes, insuficiente. Essa configuração nos aproximaria ainda mais do sempre dramático desamparo que remete às origens e ao fim do indivíduo.

A leitura que propomos, portanto, tem por objetivo prescindir do viés patológico e se aproximar da gramática das pulsões. Assim, descartaríamos a ideia de que todo aquele que vocifera discursos de ódio seja essencialmente perverso, embora esteja claro que existam falhas no recalçamento, que por consequência podem gerar um triunfo da pulsão de morte sobre as instâncias secundárias ligadoras, tornando-as insuficientes para reter a força pulsional.

Retornando a Freud (1921/1996f), salientamos que quando indivíduos se combinam em uma unidade é porque há um elo entre eles, há uma identificação. Aquilo que o indivíduo sozinho teria mantido sob coerção, acaba por ser solto na situação de grupo. Os grupos – e nas redes sociais isso é muito claro – são capazes de uma influência sugestiva e contagiosa, deixando o sujeito entregue à própria pulsão.

Eliane Brum (2017), ao se referir àquilo que chama de “crise da palavra”, que tem como expoente a literalidade da linguagem denotando todo seu empobrecimento, sai em defesa da metáfora e da ampliação da capacidade imaginativa para conter o que há de violento no sujeito. Para a escritora, a arte e a capacidade de fantasiar são as saídas possíveis para uma realidade objetiva que está se tornando vivência do inconcebível. Na mesma linha, a socióloga

Márcia Pereira Leite (2017) denuncia um rompimento no pacto civilizatório mínimo da sociedade brasileira – com isso, o reconhecimento da alteridade como parte de uma humanidade comum estaria em ruínas. Aquilo que as redes sociais e a mídia divulgam diariamente, e entra em nossas vidas pelas telas das quais não mais podemos abdicar, é classificado por ela como “microcenos de horror”, compostas de agressões, linchamentos e busca de justiça pelas próprias mãos.

Em suas divagações a respeito das questões contemporâneas, Amós Oz (2016) posiciona o fanatismo ao lado da violência, como um aspecto permanente da natureza humana. Seu crescimento na atualidade poderia estar vinculado à urgência por respostas simples e fáceis para dar conta do complexo que é a existência, com seus mistérios e sofrimentos. Se as saídas apontadas pelo escritor são o humor e a capacidade argumentativa, também a psicanálise propõe algo semelhante. Se hoje presenciamos uma desvalorização da palavra, que parece mais ser usada como descarga do que como recurso, cabe a cada um de nós devolver o seu encantamento e o seu espanto, promovendo-a novamente ao estatuto de uma potente propagadora de Eros.

Notes on violence and intolerance

Abstract: Destruction, inherent characteristic to the man, has become visible through different demonstrations throughout history, making violence came to be indelible mark of social groupings. Being this a complex theme, would be exploring by several angles, therefore its origins involves as cultural as subjective factors. This finding shows that psychoanalysis, more than one hundred years of its criation, has so much to contribute about nowadays discussions, including the eternal riddle about the way we are “civilization” ourselves. Through this writting, we want to put light on the peculiarities of the moment we live, with emphasis to intolerance and to destruction capacities of human, from hate speeches to fanaticism.

Key-words: Fanaticism. Intolerance. Violence.

Referências

André, J. (1996). *As origens femininas da sexualidade*. Jorge Zahar.

Bleichmar, S. (2011). *La construcción del sujeto ético*. Buenos Aires: Paidós.

Bleichmar, S. (2016). *Vergüenza, culpa, pudor: Relaciones entre lá psicopatología, la ética y la sexualidad*. Buenos Aires: Paidós.

Brum, E. (2017, Julho 10). O Brasil desassombrado pelas palavras-fantasmas. *El País*. Retirado de https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/opinion/1499694080_981744.html

Calligaris, C. (2017, Janeiro 10). Redes sociais validam o ódio das pessoas. Entrevista à Néli Pereira. *BBC Brasil*. Retirado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-38563773>

Freud, S. (1996a). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)

Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

Freud, S. (1996c). Para uma introdução ao narcisismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (1996d). O tabu da virgindade. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)

Freud, S. (1996e). O estranho. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)

Freud, S. (1996f). Psicologia das massas e análise do eu. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)

Freud, S. (1996g). Por que a guerra? In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1932)

Freud, S. (2004a). O inconsciente. In L. Hanns (Trad), *Obras completas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)

Freud, S. (2004b). Além do princípio de prazer. In L. Hanns (Trad), *Obras completas de Sigmund Freud: Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)

- Freud, S. (2011). *O mal-estar na civilização*. P. C. Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Laplanche, J. (1988). *Teoria da sedução generalizada*. Artes Médicas.
- Leite, M. P. (2017, Agosto). Notas, um tanto melancólicas, sobre a crise do projeto civilizatório na sociedade brasileira. *Le Monde Diplomatique Brasil*. Retirado de <https://diplomatique.org.br/o-que-fazer-do-brasil/>
- Recalcati, M. (2007). Meditaciones sobre la pulsión de muerte. In J. Alemán (Ed.), *Lo real de Freud*. Madrid: Circulo de Belas Artes.
- Roudinesco, E. (2008). *A parte obscura de nós mesmos: Uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Oz, A. (2016). *Como curar um fanático: Israel e Palestina, entre o certo e o certo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oz, A. (2017). *Mais de uma luz: Fanatismo, fé e convivência no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos
Recebido em: 09/08/2018
Aceito em: 10/09/2018

Gabriela Seben
Rua Comendador Caminha, 312/206
90430-030 – Porto Alegre – RS
E-mail: gabriela.seben@gmail.com

Juliana Lang Lima
Rua Félix da Cunha, 737/503
90570-001 – Porto Alegre – RS
E-mail: julianalanglima@gmail.com